

# MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO NA POESIA DE OLGA GRECHINSKI ZENI

Vanderlei Kroin<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discorrer acerca das manifestações do sagrado e do religioso presentes em alguns poemas da poeta paranaense Olga Grechinski Zeni, observando como a autora constrói poeticamente a relação entre o homem/deus, sinalizando esta relação como algo orgânico e necessário à manutenção da plenitude da felicidade e à busca constante de se tecer ininterruptamente essa ponte que une o humano ao sagrado. Para tais considerações nos utilizaremos de autores como Mircea Eliade, Octavio Paz, Gaston Bachelard.

**Palavras-chave:** Poesia; Religiosidade; Sagrado. Mito.

## Introdução

Buscar o sagrado foi e é uma forma de o homem buscar sentir-se seguro e amparado no mundo. A relação com as instâncias do divino é um rito que tem resquícios míticos, quando o homem estava mais integrado ao mundo e estabelecia com este uma relação maior de organicidade que na contemporaneidade. Mudaram as sociedades, os comportamentos, mas ficou ainda muito marcado no homem contemporâneo esta necessidade de relacionar-se com o essencial da religião, com o sagrado.

As manifestações do sagrado também se evidenciam em muitos poetas ao longo dos séculos e esta sacralidade não necessariamente ligada à religião judaico-cristã, mas contemplando diversas facetas do religioso, interligado aos mitos e aos ritos imemoriais e que estão incrustados no campo do imaginário do *homo sapiens*. Assim, o sagrado vem a englobar o religioso e o divino.

---

<sup>1</sup>Doutorando em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE.

Neste sentido, procura-se discorrer no presente trabalho os aspectos religiosos e questões relacionadas ao sagrado em alguns poemas de Olga Grechinski Zeni (1921-2018), poeta paranaense que, oriunda do contexto de imigração eslava no Sul e Sudeste do Paraná, traz muito forte a questão da temática religiosa em sua obra como um todo. A sacralidade nos poemas da autora mostram a unidade homem/Deus e ressaltam a necessidade de tornar festiva e positiva essa relação, posto que o homem se constitui como um ser completo e pleno se mantiver firme e alicerçada essa ponte imaginária e imagética que o une ao campo do sagrado.

Olga Grechinski Zeni, descendente de poloneses, que chegaram à região de Irati no início do século XX. Atuou como empresária e comerciante e publicou quatorze livros de poesia - alguns deles com poemas recompilados de livros editados anteriormente – no marco temporal compreendido entre a década de 60 do século XX à primeira década do século XXI. O primeiro livro da poeta foi *Poesias* (1960) e o último, intitulado *Caminheiros irmãos de jornada*, foi publicado em 2009. Olga é uma poeta desconhecida para além de sua cidade e da região Sul e Sudeste do Paraná e em sua poética há grande remissão ao panteísmo e ao religioso, que se alinham ao sagrado.

### **O tempo e o espaço no campo do sagrado**

O espaço e o tempo sagrado são tratados por Mircea Eliade como ordenação divina, tal a harmonia do homem com a espacialidade e a temporalidade. Há nesta organização orgânica a construção ontológica de um mundo sagrado, a formação de um cosmos, um *axis mundi* que liga o homem aos deuses, aos céus, aos ritos e ciclos da natureza.

Eliade buscou retratar a relação do homem primitivo com o seu espaço e situar o tempo como constituinte do próprio ser humano. Em Eliade o sagrado não se relaciona diretamente à religião estrita (cristianismo, islamismo, etc.), mas significa e remete à relação orgânica que o homem mantém com o espaço que habita, portanto do qual faz parte e o tempo em que se insere, ou seja o sagrado relaciona-se ao retorno de eventos, em outras palavras, o cíclico, que é a oportunidade de o homem sempre reinventar-se e renascer simbolicamente.

O espaço é a casa do homem. Sua inserção em determinado lugar delega a este um status de segurança e harmonia: perenidade. O homem contorna o mundo, se

envolve em viagens e aventuras, mas sempre é impelido a voltar à segurança de seu espaço. Segundo Gaston Bachelard, “[...]É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas [...]” (BACHELARD, 1993, p. 29).

Este apelo à seguridade do local habitado (ocupado) transparece no poema abaixo, no qual estão presentes rituais enraizados na vida social de um grupo. Os “domingos antigos” significam a celebração de um espaço seguro, que contém unida a coletividade em um ritual festivo e religioso.

### **Domingos antigos**

Enquanto se lavam soltam os cabelos  
Desenrolam os seus cachos escovam dentes  
Os homens se preparam limpam os seus carros  
Os meninos os observam vibram de contentes

Sobem velhos moços jovens e crianças  
O vivo do momento estampado nos sorrisos  
Dentro das carroças o alvoroço dança  
Descem dos veículos sobem escadas enfeitadas

No degrau os pés fortes o prateado já não cansa  
Dentro do peito estendido os corações submissos  
Vibrantes se ufanam s derramam  
Bate o Sino                      É a Fé

Sobe o pároco em seu ofício e a festiva vestimenta  
Conduz ao pósito seu reinado seu rebanho  
Se prepara aos pulos a voz fremente  
Depois a ela um bom tutu e os sons de piano  
Começa o grande reboiço fartura fartura fartura  
O bingo prêmios vários algum choro desatendido  
Um beijo um abraço um aperto de mão singelo  
Algum afoito perde a calma banca o destemido  
Os olhares fartos ambíguos e abundantes  
Enfeitam os domingos mui antigos  
O badalar do sino solene e trepidante  
Conduz o bom rebanho conduz avante

Sobem todos num sonho andante  
Estremecidos o amor palpita  
Dentre os paroquianos uma voz esmiúça  
Um Domingo Maior e a Santa Missa.

(ZENI, 2004, p. 20).

Há, neste poema uma imagem de nostalgia que remete aos domingos antigos, de missa e festa. A Santa Missa se constitui para o cristão como um compromisso imperdível, uma obrigação e ao mesmo tempo uma dádiva. Há uma preparação especial para tal evento festivo, um ritual de organização que gera prazer e faz do espaço da igreja um espaço de comunhão, confraternização e enternecimento. Na primeira estrofe há uma preparação para a cerimônia religiosa e para a festa. As mulheres se arrumam, os homens se organizam; tudo observado com entusiasmo pelas crianças, que acompanham de perto os preparativos. “Os meninos os observam vibram de contentes”, no último verso da primeira estrofe reitera esse acompanhamento comunitário.

Já na segunda estrofe se nota a alegria em participar da festa comunitária. Todos comungam dessa felicidade coletiva: o verso “O vivo do momento estampado nos sorrisos” reforça essa alegria. Chegam os fiéis às escadarias e à porta da igreja e então, na terceira estrofe, o bater do sino aflora e incendeia e fortalece a fé dos paroquianos. “Os corações submissos” recorrem ao divino derramam sua fé. O padre conduz o seu “rebanho” de fiéis ao pórtico e inicia a liturgia. Logo após à qual tem início a parte festiva do domingo.

Para Mircea Eliade, “[...] O limiar, a porta, *mostra* de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de *passagem*.” (ELIADE, 1992, p. 29). O adentrar na igreja, subindo as escadas, com pés firmes, no poema, mostra essa extensão do sagrado para os fiéis. Entrar na igreja no domingo é estar na casa de Deus e, por isso, uma continuidade do espaço sagrado. A igreja, para esses fiéis, seria uma espécie de *imago mundi* da comunidade, um local de peregrinação. O pórtico, então, simbolicamente significa a porta do paraíso buscado pelo homem religioso.

Estar inserido nesse espaço sagrado delineado pelos versos de “Domingos antigos” é retomar a sacralidade que une homem e espaço. Religião e poesia se intercambiam, no sentido de que são experiências transcendentais e intercambiáveis, que animam as almas. Octavio Paz ressalta que

A experiência poética e a filosófica confundem-se com a religião.  
Mas a religião não é uma revelação e sim um estado de alma, uma

espécie de acordo último do ser do homem com o ser do universo [...] Religião é poesia, e suas verdades, acima de toda opinião sectária, são verdades poéticas: símbolos ou mitos (PAZ, 1996, p. 78).

A relação poesia-religião, no caso deste poema de Olga Grechinski Zeni, culmina na plena satisfação espiritual do homem, tal que o domingo se anima e festa. Na quinta estrofe há uma pequena descrição de festa interiorana. Com o verso “Começa o grande reboição fartura fartura fartura” se inicia esta estrofe, sugerindo uma ideia geral de comunhão comunitária. A repetição da palavra “fartura” alude a esta confraternização. Na próxima estrofe se verifica a importância do espaço da igreja para os fiéis. A igreja é um espaço aglutinador, de encontros e comunhão entre as pessoas. Os dois versos “O badalar do sino solene e trepidante/Conduz o bom rebanho conduz avante” sinaliza a importância dada a esse espaço comunitário e à necessidade de agarramento a ele para nortear a vida. O badalo do sino orienta e, a exemplo da terceira estrofe é um reforço de chamamento dos fiéis a um centro.

Este centro é unificador e remete a uma espécie de *imago mundi*, espaço de encontro que une todos para repetir o ritual da missa e exercício da fé e, portanto, evocação do sagrado. A missa dominical cristã é um rito cíclico, à maneira dos cultos do homem primitivo. Mircea Eliade esclarece que,

A liturgia cristã de um dado domingo é solidária da liturgia do domingo anterior e da do domingo seguinte. Não só o tempo sagrado que vê o mistério da transubstanciação do pão e do vinho no corpo e no sangue do Salvador é qualitativamente diferente, como um enclave entre o presente e o futuro, da duração profana de que se destaca; não só este tempo sagrado é solidário das liturgias precedentes e seguintes, como pode, além disso, ser tido como continuação de todas as liturgias que se realizaram desde o momento em que foi criado o mistério da transubstanciação até o minuto presente [...]. (ELIADE, 2008, p. 316).

O rito essencial do cristianismo se repete, mostrando que o homem, agora monoteísta lança mão de formas de rituais sagrados para se comunicar com o divino e assim, beatificar-se. A necessidade de se relacionar com a instância divinal superior traz ao homem paz, harmonia em sua existência e o reforço em manter coletivamente as missas e festas dominicais religiosas contribui para o estreitamento dessas relações.

Na última estrofe se fecha o círculo do poema. Nos dois primeiros versos o que se tem é a contagiante atmosfera de felicidade e prazer estampada no círculo da igreja:

“Sobem todos num sonho andante/ Estremecidos o amor palpita”. É um sonho todos estarem a comungar desse momento onde o amor é norteador das relações. Nesse momento, os homens são todos religiosos, no sentido de comungar e compartilhar as relações com o divino.

Mircea Eliade ressalta a impossibilidade de o homem, mesmo o moderno viver sem relações com o sagrado. Embora muitas vezes isto não transpareça claramente, este homem ainda tem resquícios de misticismos em seu inconsciente. Segundo o historiador,

O homem a-religioso *no estado puro* é um fenômeno muito raro, mesmo na mais dessacralizada das sociedades modernas. A maioria dos “sem religião” ainda se comporta religiosamente, embora não esteja consciente do fato. Não se trata somente da massa das “superstições” ou dos “tabus” do homem moderno, que tem todos uma estrutura e uma origem mágico-religiosas. O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados (ELIADE, 1992, p. 166).

No contexto geral do poema mostrado acima, não se nota uma sociedade “dessacralizada”, pelo contrário, a relação estabelecida com o divino é de uma plenitude sólida, logo os participantes desse rito religioso e festivo mantêm laços indissolúveis com um ente sagrado e, nesta medida, podem ser equiparados ao homem primitivo. Em *Domingos antigos* os paroquianos gozam do Domingo Maior e da Santa Missa como um momento único, que proporciona sensação de bem-estar, em síntese, reata e reanima as relações primordiais do homem com o divino e com o sagrado.

Esse anseio e necessidade humana pelo conforto espiritual e bem-estar físico é buscado no divino, no mágico, no sobrenatural. Na poesia de Olga Grechinski Zeni a presença do sagrado é constante. Há, para além da religiosidade mais restrita, um panteísmo recorrente perpassando toda sua obra. O poema abaixo é mais um exemplo dessa relação unificadora entre o homem e o divino ao qual ele recorre em busca de auxílio para seus males e dificuldades mais impossíveis. *Nossa Senhora da Luz* é uma espécie de jaculatória, um canto de súplica e pedidos, evocados à Nossa Senhora da Luz, com sublime humildade.

## Nossa Senhora da Luz<sup>2</sup>

Madrinha das bênçãos derramadas  
Dos aflitos dos fracos dos menos fortes  
De todos que choram pedem suplicam  
Caem a seus pés sublimes

Prostram-se humildes desamparados  
Vislumbram em sua fé o auxílio terno  
Do som da sua voz qual mal distinguem  
Se eleva o som perpétuo o som eterno

A luz que brilha em seu rosto calmo  
O fervor transcende o iluminar do horizonte  
Na resenha que os homens perscrutam  
Palpita o calor maior a luz da fonte  
Somos entes pequeninos fracos e submissos  
Trazemos a voz tristonha e embargada  
Da boca dos olhos das nossas faces  
O clamor se eleva: Mãe abençoa Irati nossa terra Amada.  
(ZENI, 2004, p. 22).

É o clamor de uma coletividade reverberado nos versos do poema e no qual se encontra a poeta Olga, nascida e crescida em um espaço fortemente religioso. O poema, por isso, em segunda instância, torna-se também uma homenagem lírica à padroeira da cidade de Irati/PR. A identificação do leitor com os versos mostra que o poema não é apenas um produto individual, mas se alicerça no coletivo. Octavio Paz observa que,

Na realidade, todo poema é coletivo. Em sua criação intervém, tanto ou mais ainda que a vontade ativa ou passiva do poeta, a própria linguagem de sua época, não como palavra já consumada, mas em formação: como um querer dizer da própria linguagem. Depois, queira ou não o poeta, a prova da existência de seu poema é o leitor ou ouvinte, verdadeiro depositário da obra, que, ao lê-la, recria-a e outorga-lhe sua significação final. (PAZ, 1996, p. 117).

Essa invocação, no poema, portanto, não é uma criação fictícia do poeta, algo inventado aleatoriamente, mas (re)apresenta a fé de uma coletividade em uma Santa, presente e enraizada no imaginário de uma comunidade toda. Na primeira estrofe do poema há a evocação da Nossa Senhora da Luz, como um ser divinal, protetor e bondoso, sempre a interceder pelos mais necessitados e amparar os sofridos. O primeiro

---

<sup>2</sup> Nossa Senhora da Luz é a padroeira da cidade de Irati/PR e a data é comemorada no dia 08 de setembro, portanto feriado no município.

verso do poema já inicia com essa característica intercessora: “Madrinha das bênçãos derramadas”, que é uma forma de agradecimento e reconhecimento às bênçãos recebidas.

A santa torna-se madrinha de uma coletividade, alguém a quem se recorre nos momentos difíceis e de circunstâncias adversas da vida. A madrinha, enquanto alguém que auxilia está presente nos contos de fada, por exemplo. Derivativa de mãe, a madrinha tem por papel interceder em momentos adversos. No catolicismo, pelo sacramento do batismo, a figura da madrinha torna-se uma segunda mãe de seu afilhado(a). No contexto do poema, a santa evocada designa um auxílio buscado pelo coletivo, uma busca de amparo “Dos aflitos dos fracos dos menos fortes” (segundo verso da primeira estrofe).

O poema, como um todo, é organizado entre a exaltação da Santa e a humildade do humano. Estabelece-se uma relação de vassalagem, como um meio de se conseguir uma proximidade mais estreita com o sagrado e isto se constitui como uma necessidade e condição para ser agraciado com as bênçãos advindas desse interceder divinal. O homem recorre ao mundo trans-humano para sentir-se satisfeito espiritualmente e viver em harmonia em seu espaço. Assim, a experiência religiosa é uma herança impregnada no inconsciente e passada de geração em geração. Nas palavras de Mircea Eliade,

Na medida em que o inconsciente é o resultado de inúmeras experiências existenciais, não pode deixar de assemelhar-se aos diversos universos religiosos. Pois a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um *outro* mundo trans-humano. A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, ao mesmo tempo torna a existência “aberta” a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito. (ELIADE, 1992, p. 171).

A “solução religiosa”, conforme assinala Eliade, é um meio de relação mágica e inexplicável entre o homem e divino, uma relação que mantém sustentada a harmonia do mundo. O clamor pelas bênçãos, o reconhecimento pela imperfeição e a exaltação ao divino como algo sublime e perfeito é um processo de busca pela organização cósmica do mundo, pela extirpação de crises e a criação de um contato harmônico entre a instância humana e a instância divina.



Essa relação se verifica também no poema abaixo. Em “O vento” está implícito a ressurreição de Cristo. O vento atua como um espírito a trazer a notícia de que Jesus superou o reino das sombras e renasceu dos mortos. Vem, como um sopro longínquo que se aproxima para anunciar aos gritos o renascimento e assim, restaurar e fortalecer a fé no divino.

### **O vento**

O vento sorriu  
a procura do nada  
O perfume do imprevisto  
salpicou a gleba  
O impacto com tridentes  
sacudiu a fé  
  
Revolteou revolteou  
levantou o pé descalço  
Sorriu outra vez  
sorriu sorriu  
Sacudiu as vestes  
pisou em falso  
  
Amedrontou o seu ouvido  
salpicou o imprevisto  
Refundiu o seu impacto  
gritou espavorido  
Gritou gritou gritou  
Cristo Cristo Cristo  
(ZENI, 2004, p. 21).

Na primeira estrofe o vento é o agente que anuncia a boa nova da ressurreição de Jesus Cristo. “O vento sorriu”, no primeiro verso significa a manifestação sutil e singular do anúncio de que Cristo venceu a morte e está ressurgindo à vida. “O perfume do imprevisto” alcançou os mais céticos e sacudiu a fé dos que lamentavam a perda. O vento, então, age como um agente divino, que busca trazer uma mensagem positiva. “[...] O vento é sinônimo de sopro e, por conseguinte, de Espírito, do influxo espiritual de origem celeste. Esta é a razão por que os Salmos, assim como o Corão, fazem dos ventos mensageiros divinos, equivalentes aos anjos [...]” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006, p. 935).

Na segunda estrofe, o vento se confunde com o próprio ressuscitado e sinaliza uma mensagem de esperança à humanidade incrédula. É o sopro que anima a fé e

reaviva a crença do homem, que sempre busca no divino uma luz, norte a seguir. Assim, o sinal de Jesus Cristo ressuscitado simboliza a o sopro da renovação, que reaviva a chama da esperança. O homem religioso vê nesse milagre o renovar de suas forças e o fortalecimento da união que mantém com o divino.

Nas tradições bíblicas, os ventos são o sopro de Deus. o sopro de Deus ordenou o caos primitivo. Animou o primeiro homem. a brisa nos olmos anuncia a chegada de Deus. Os ventos também são instrumentos da força divina; dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006, p. 936).

O vento age como instrumento de força divina no poema. O sorriso acariciante, na primeira estrofe, transforma-se em grito compulsivo, na última. O processo de ressurreição de Cristo anunciado com e pelo vento, que se confunde dubiamente com o próprio ressuscitado caracteriza-se como uma espécie de epifania.

A ressurreição vem a reestabelecer a paz e a ordem no espaço do mundo. O humano e o divino se irmanam cosmicamente constituindo uma hierofania. Há uma sacralidade instaurada no espaço. Eliade se reporta a essa homogeneização da seguinte maneira: “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente [...]” (ELIADE, 1992, p. 30). Assim, no poema acima, o sinal do Cristo ressuscitado toma o espaço como impregnado de sacralidade e o homem toma parte de ebriedade atemporal e imemorial.

A religião cristã, tem na ressurreição de Cristo um dos grandes mitos que a integra. Mircea Eliade observa que apesar de o cristianismo aceitar o tempo linear da história, está embebido da dimensão cósmica do *mythos* e, por isso, não pode ser totalmente dissociado do pensamento mítico.

Ao proclamar a Encarnação, a Ressurreição e a Ascensão do Verbo, os cristãos estavam convictos de que não apresentavam um novo mito. Na realidade eles se utilizavam das categorias do pensamento mítico. Evidentemente, eles não podiam reconhecer esse pensamento mítico nas mitologias dessacralizadas dos pagãos eruditos seus contemporâneos. Mas é óbvio, que para os cristãos de todas as confissões, o centro da vida religiosa é constituído pelo drama de Jesus Cristo. Embora representado na História, esse drama possibilitou a salvação; consequentemente, existe apenas um meio de obter a salvação: repetir ritualmente esse drama exemplar e imitar o modelo supremo, revelado pela vida e pelo ensinamento de Jesus. Ora, esse

comportamento religioso faz parte do pensamento mítico autêntico (ELIADE, 2000, p. 146).

Nota-se então que o religioso está imbuído de resquícios míticos. A vida de Jesus Cristo pode ser considerada um mito, na acepção de verdade que a designação da palavra contém. A condição essencial de sacralidade une os seres divinos ao humano em uma relação de fraternidade. A própria figura de Cristo contém em si o divino e o humano. É uma ponte que une céu e terra, homem e Deus.

No poema seguinte há uma espécie de realçamento da comunhão com o divino. As relações humanas de compaixão, amor, solidariedade são retiradas dos ensinamentos bíblicos, das próprias palavras de Jesus Cristo. O calor divino é, então, nas entrelinhas do poema, o colocar-se humildemente e considerar o outro nas relações interpessoais, comungar das premissas dos mandamentos bíblicos e gerar uma centelha de amor que una entre si os entes humanos e a esses, como ponte, o divino.

### **Calor divino**

Contemplar a vida  
De todos os lados  
De cima de baixo  
No contorno do todo  
Somos pequenos bem pequeninos  
Deixados ao seu destino  
Ninguém está só  
E nunca estará

Se tiver perto de si  
O olho e os braços  
Com os quais nos brindam  
O amor e o calor divino  
(ZENI, 2003, p. 07).

Na primeira estrofe há como que um introito do calor divino, enfatizado no último verso do poema. A contemplação da vida referida pelo eu lírico significa a capacidade e sensibilidade de compreensão de toda a dimensão da vida, a compreensão de todos os seres, para que venha a se promover uma comunhão entre as partes.

A insignificância da individualidade se reitera na segunda estrofe, na qual o eu lírico já inicia observando que “somos pequenos, bem pequeninos”, ressaltando a necessidade de comunhão entre os homens. Os dois últimos versos dessa estrofe

sinalizam a incontestável interdependência de uns com os outros. “Ninguém está só/ e nunca estará” significa a comunhão também com o transcendente: estar só, nesse sentido, não significa estar sozinho e desamparado. A comunhão com o divino, com Deus, com o sagrado implica um devaneio feliz, devaneio cósmico que suplanta o tempo linear e insere o ser na tranquilidade agregadora do tempo mítico.

Os devaneios cósmicos afastam-se dos devaneios de projetos. Colocam-nos num mundo, e não numa sociedade. Uma espécie de estabilidade, de tranquilidade, pertence ao devaneio cósmico. Ele nos ajuda a escapar ao tempo. É um *estado*. Penetremos no fundo de sua essência: é um estado de alma. (BACHELARD, 2009, p. 14).

A complementação do poema instaura a verdadeiramente a comunhão harmoniosa entre os seres. O amor predomina como algo primordial que remete ao primeiro mandamento bíblico universalmente conhecido; “Amarás a Deus sobre todas as coisas”. A coletividade acalentadora exposta no poema inflama a centelha que desperta o fogo do amor divino, que com seu calor aquece os necessitados. O “olho e os braços”, que estão perto, a observar as necessidades e estender ajuda são extensões da gentileza e bondade atribuídas incontestes ao divino.

O amor é o princípio das relações, o alicerce da boa convivência. Descobrir as verdadeiras necessidades do outro, abrir-se à alteridade, é sair de si e reconhecer a pequenez, agindo com humildade. Edgar Morin salienta que “[...] A autenticidade do amor não consiste apenas em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro [...]” (MORIN, 2005, p. 30). O poema acima sinaliza essa alteridade: contemplar a totalidade da vida e reconhecer-se como ser ínfimo é o primeiro passo para se estar situado mais próximo dos deuses, do divino e, assim, poder viver satisfatoriamente.

A forma positiva que comumente o homem enxerga seus deuses o fazem inconscientemente associar a ajuda humana que recebe como uma dádiva de instâncias superiores. Dá-se o mesmo em relação às adversidades casuais ocorridas no cotidiano da vida. Assim, a relação estabelecida entre o humano e o divino é de interdependência. O deus verdadeiro povoa o imaginário do homem real.

Essa verificação de aceitação do divino como algo primordial na vida humana, mesmo os deuses sendo maus, verificada em algumas mitologias politeístas antigas como a grega e a escandinava ou o Deus bondoso e onipotente, como é o caso do

cristianismo monoteísta é a necessidade de o homem situar-se no centro da balança do mundo. Ele necessita de estabilidade para viver em paz e harmonia dentro de seu cosmos. O inconsciente faz a ponte entre o homem e suas experiências e o universo religioso está imerso no imaginário.

A religião é um dos pilares fundamentais e sustentáculo da vida humana. O homem tem a necessidade de relações e experiências que o liguem a outro mundo para complementar sua existência, para que ela não se torne estagnada, mas aberta, conforme assinala Eliade. O mundo do espírito é alcançado no poema apresentado acima. Em “Calor divino”, o que se vê são relações que não apenas ultrapassam o automatismo de uma caridade mascarada, mas se configuram como relações mediadas pelo divino e, portanto, transcendem o carnal, atingindo o espiritual, instância do verdadeiro amor.

Em “Perpetuação”, o que se nota é uma evolução e uma relação de complementaridade que se insinua entre o homem e seu espaço. Espaço simbólico carregado de religiosidade. O poema que se inicia exaltando a primavera, acaba por bendizer também a cultura. As relações primeiras do homem são com a natureza, antes de ser um sujeito cultural, o homem é um ser biológico, animal, ligado, querendo ou não à organicidade da natureza.

### **Perpetuação**

Bendito seja o Dia da Primavera  
As fontes murmurantes que os sons plasmaram  
O sol enfeitado pelo calor das eras

Tudo passa sem deixar vestígios  
Tudo se dissolve ao se extinguir do dia  
Tudo se submete ao bom ou ao mal presságio

Tudo é visado deslumbrado apalpado  
Descoberto redescoberto analisado  
Verificado  
Poucos vivem e sobrevivem  
A poesia se manifesta e se perpetua

Bendito seja o Dia da Primavera  
Bendita seja a luz que circunda o espaço  
Benditos sejam os homens a humanidade toda  
Bendita seja a cultura e os seus traços  
(ZENI, 2003, p. 03).

Investigar e imergir na descoberta das coisas da natureza é uma espécie de aprendizado. Cultuar as coisas simples e estar a elas entrelaçado é interagir e perceber as nuances que fazem parte da constituição da vida e se abrir ao conhecimento. É, em suma, ser um ser religioso. Natureza e religião se intercambiam e ressaltam a integridade que há entre homem, natureza e o(s) ente(s) divino(s). Dessa maneira, “O conhecimento inicial do mundo, a *Weltanschauung* primordial é, em primeiro lugar, religiosa. Cosmo e divindade são um uno, assim como o conhecimento e a religião [...]”. (CIPRIANI, 2007, p. 94).

Por meio da religião o homem interage com seu meio. O sagrado une os homens, remete, dessa forma, à coletividade, pois o humano, em qualquer instância de sua existência não se constitui sozinho. Assim, a religiosidade se configura como social, une determinadas sociedades em grupos. Cipriani observa essa relação e/ou correspondência entre sociedade e religião:

Poderíamos quase falar, a respeito, de uma correspondência entre religião e sociedade em termos de imbricação, entrelaçamento inextricável, não eliminável. O social é religioso e o religioso é social: a legitimação deles é recíproca. Por isso, a coletividade é religiosa ou não existe. (CIPRIANI, 2007, p. 95).

Nas palavras de Cipriani se nota a construção religiosa como algo socialmente coletivo, ou seja, há uma comunhão e um rito no ato de cultuar a simbologia religiosa. No poema acima de Olga Grechinski Zeni há o culto à primavera, consubstanciado como uma orgia religiosa, a descortinar aspectos divinos da estação das flores. O verso que abre o poema remete ao natural, bendizendo a Primavera, estação de renovação de laços com o natural e com o divino, porque o primeiro é visto pelo eu lírico como uma dádiva do segundo aos homens e se abre em leque, culminando na beatitude da cultura, que interage para reavivar as características dessa estação, reforçando o ciclo.

“Perpetuação” é repetição, condição cíclica, essência característica do pensamento mítico. A primavera se configura como a estação das flores e que vem, como presente irradiar alegria na vida do homem. Do biológico ao cultural o sagrado se manifesta de forma incontestante na vida humana e é perpetuado pelas vias da criação poética. A claridade delinea o espaço e tempo sagrados, organizando o cosmos e lutando contra o caos e as trevas. O poema é um círculo, nas palavras de Octavio Paz

(1996), círculo este que denota totalidade e remete ao ciclo mítico, com suas idas e voltas totalizantes. De acordo com Paz, o poema

Apresenta-se como um círculo ou uma esfera: algo que se fecha sobre si mesmo, universo auto-suficiente e no qual o fim é também um princípio que volta, se/ repete e se recia. E esta constante repetição e recriação não é senão o ritmo, maré que vai e que vem, que cai e se levanta (PAZ, 1996, p. 12-13).

Essa circularidade, que remete indelevelmente ao mítico, não deixa de se irradiar no homem religioso moderno, que procura na instância do sagrado fugir do tempo degradante da linearidade. A luz que o divino irradia vem a fortalecer o homem, que tanto precisa da luz física quanto a luz transcendente a lhe guiar pela existência. No poema abaixo, há reiteradamente um pedido de clemência ao divino para que aplaque as adversidades sofridas. A luz, o sol, o calor buscado são necessários à manutenção da vida e são dádivas de Deus ao homem.

#### **Clemência**

A claridade do Sol  
apaga as estrelas  
nuvem negra no horizonte

Brada o sol a sua prece  
levanta a sua crista  
em feitos sutis

O clarão beija o eterno  
estende o seu lampejo  
em cânticos amanhece

O verde levanta em sonho  
exige a suprema audiência  
nós queremos vida

Nós queremos luz  
queremos água e alimento  
Por Deus Clemência

(ZENI, 2003, p. 08).

A luz e o calor do sol representam a vida. Sem a luz o ser fica à deriva nas trevas, não pode se guiar pelo caminho. Sem o calor, o ser se recolhe e definha, não se desenvolve e acaba por sucumbir ao negro da morte. Assim, o clamor a Deus pede

clareza e quentura para aliviar as intempéries da vida. A figura do sol se mostra vivificante no poema. É o astro central, “[...]Se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 836). É um simbolismo fecundador, que influencia cosmicamente a terra.

Enquanto símbolo cósmico, o Sol ocupa a posição de uma verdadeira religião astral, cujo culto domina as grandes civilizações antigas, com as figuras dos deuses-heróis gigantes, encarnações das forças criadoras e da fonte vital de luz e de calor que o astro representa (Atum, Osíris, Baal, Mitra, Hélios, Apolo, etc.). (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 839).

Símbolo também de paternidade, o sol irradia luminosidade, assim como o Deus-Pai do cristianismo, figura soberana, juiz do universo. No poema se verifica essa prece de se dirigir de forma submissa e suplicante a Deus para acalantar os anseios do corpo e da alma. Nos versos de “Clemência” une-se incontinenti os seres Deus e Sol. Os dois vocábulos inclusive aparecem em maiúscula realçando a equivalência e correspondência.

A clareza é perseguida no poema todo, como algo necessário e fundamental à vida. Se busca fugir das trevas interpelando à luz da ordenação do cosmos, ordenação esta que traz estabilidade, paz, plenitude e são essas necessidades buscadas desde os tempos imemoriais da existência humana. O homem apela a seres superiores, misteriosos, místicos, desde sempre para auxiliá-lo a viver plenamente no cosmos. As dificuldades transcorrentes da linearidade da vida procuram ser combatidas apelando-se aos deuses. E essa necessidade é sentida e captada pelo artista, pelo escritor e, principalmente pelo poeta.

De modo ainda mais intenso que nas outras artes, sentimos na literatura uma revolta contra o tempo histórico, o desejo de atingir outros ritmos temporais além daquele em que somos obrigados a viver e a trabalhar. Perguntamo-nos se esse anseio de transcender o nosso próprio tempo pessoal e histórico e de mergulhar num tempo “estranho”, seja ele extático ou imaginário, será jamais extirpado. Enquanto subsistir esse anseio pode-se dizer que o homem moderno ainda conserva pelo menos alguns resíduos de um “comportamento mitológico” (ELIADE, 2000, p. 164-165).

Essa necessidade de se ter um além “invisível” a que se possa recorrer faz o homem suportar os fardos da vida, em todas as instâncias. É necessária uma válvula de escape para que haja vida saudavelmente. Essa recorrência ao divino, aos céus, é sinal



de que o homem ainda mantém seus sinais de ser mítico, conforme assinala Eliade. Isso faz parte de sua natureza e sem essa relação ele sucumbe, pois adentra ao vazio das trevas e do caos.

Nesse sentido, a poesia é importante porque reanima essas imagens relacionais que são as pontes míticas e transcendentais que unem os seres terrestre e o céu. A palavra poética ressalta essa interdependência que une homem e deuses e reforça que a poesia também tem suas origens nas fontes do sagrado. Pela poeticidade da linguagem é possibilitado reconhecer a essência das relações positivas que o cosmos organizado irradia. Desse cosmos, tomado como espaço organizado de plenitude, se ausculta a poesia irradiar das relações estabelecidas, epifanias sutis que suplantam qualquer racionalidade.

### **Considerações finais**

Traçar o sagrado e a religiosidade presentes nos poemas significa reforçar essa necessidade de contato do homem com forças transcendentais superiores que o ajudem a superar suas deficiências humanas. A religião é, então, uma via de escape que dá ao homem plenitude e propicia que ele tenha uma vida menos atribulada e que sua existência seja equilibrada.

O espaço do sagrado acolhe o homem e o fortalece em sua fé. O tempo sagrado o firma como uma criatura que se insere realmente nas contingências do devir transcendente. A arte poética, como matriz que registra as relações humanas do homem com os cosmos, evidentemente traz em seu bojo as relações do homem com Deus.

Na poética de Olga Grechinski Zeni se verifica essa relação benfazeja do homem com Deus. Evidencia-se uma relação orgânica que entrelaça o elemento humano e divino em uma teia benfazeja que situa o ser humano dentro do tempo e espaço sagrados, vivendo a plena felicidade de amparar o divino e ser amparado por ele. Observa-se a experiência epifânica do sagrado nos seus versos e assim, a poesia torna-se uma experiência transcendente.

Religiosa, cristã, poeta, Olga reconheceu e exultou a presença do divino, sagrado e religioso em sua poesia. Essa recorrência a Deus e ao espaço do céu aparece marcada em suas obras, seja assinalando claramente o elemento religioso cristão/católico ou exprimindo e sugerindo um fecundo panteísmo. São marcas que reforçam seu contexto

de origem e para além disso e em primeiro lugar, assinalam que o homem é um ser simbólico e mítico que não se desgarra de suas relações transcendentais.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Col. Tópicos).

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. Revisão da tradução de Alain Marcel Mouzart e Mário Laranjeira. 3. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Biblioteca do pensamento moderno).

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain [et al.]. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CIPRIANI, Roberto. *Manual de sociologia da religião*. Tradução de Ivo Starniolo. São Paulo: Paulus, 2007. (Col. Ciências sociais).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Col. Tópicos).

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Col. Debates)

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 7. ed. tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PAZ, Octavio. Verso e prosa. In: \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. (p. 11-36).

PAZ, Octavio. O verbo desencarnado. In: \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. (p. 75-91).

PAZ, Octavio. Signos em rotação. In: \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. (p. 95-123).

ZENI, Olga Grechinski. *Palavras assumidas: poesia jovem para jovens*. 2. ed. Irati, PR: Gráfica Criart, 2003.

ZENI, Olga Grechinski. *No limiar da luz*. Irati, PR: Edição da autora, 2004.

# MANIFESTATIONS OF THE SACRED IN THE POETRY OF OLGA GRECHINSKI ZENI

## ABSTRACT

The objective of this work is to discuss the manifestations of the sacred and the religious elements found in some of the works of the poet Olga Grechinski Zeni, from Paraná, analyzing how the author poetically builds the relationship between men and god, presenting such relationship as something organic and necessary to the maintenance of happiness and the constant pursuit of building a bridge to unite men to the sacred. To do so, authors such as Mircea Eliade, Octavio Paz, Gaston Bachelard will be used.

**Keywords:** Poetry; Religion; Sacred; Myth.

Recebido em: 07/02/2019.

Aprovado em: 18/04/2019.